

MAIS DE 600 000 LEITORES APAIXONADOS
A SÉRIE POLICIAL MAIS MARCANTE DE SEMPRE

**CARMEN
MOLA**

**A REDE
PÚRPURA**



Primeira Parte

REZAREI

Rezarei, por ti,
que tens a noite no coração,
e, se quiseres, acreditarás.

A mulher está à espera dentro do carro, abstraída do ambiente natalício. A princípio, pensou que a rádio poderia distraí-la, mas não suporta a falsa euforia dos locutores, aquela obrigação de transmitir alegria aos ouvintes. A publicidade, já de si enervante, torna-se insuportável naquele momento. Mais uma cançoneta natalícia e corta as veias. Desliga o rádio: não está para comemorações.

Olha para o relógio. É tarde, a espera está a alongar-se mais do que o planeado. Cansada, deixa-se hipnotizar pelo trânsito, pelas luzes de néon, pela multidão amorfa que passa na rua. Sai do carro para esticar as pernas e sente o frio de dezembro nas orelhas, no nariz, no cabelo. Caminha até ao Mercado de San Miguel e chega à plaza Mayor pela calle de Ciudad Rodrigo. Impossível distinguir, naquela maré humana, o homem que tem acompanhado.

Quando regressa ao carro, dois polícias municipais estão a tomar nota da matrícula. Corre até eles e inventa uma desculpa. Está já a ir-se embora, o marido foi comprar uma árvore de Natal no mercado, é só um minuto. Tem sorte: a multa anda não entrou no sistema e o conselho do polícia com o bloco na mão é que vá à procura de um parque de estacionamento. É inútil explicar-lhe que estão todos cheios; o melhor é tirar dali o carro, não se arriscar a uma mudança de humor de última hora, dar uma pequena volta e rezar para que os polícias municipais se vão embora, pois tenciona parar na mesma esquina, com duas rodas em cima do passeio, para permitir a passagem dos outros veículos. A ruela é estreita.

Agora, a espera entra numa fase angustiante. Já não há hipótese; se os polícias voltarem, vão multá-la, e ela não está interessada em chamar a atenção nem quer que a matrícula do carro fique registada.

Passa um grupo de turistas barulhentos com cabeleiras cor de laranja. Atrás vem o homem, Dimas. Traz uma criança pela mão, com cerca de cinco ou seis anos. A mulher liga o motor. Contém um surto de tristeza ao ver o miúdo conversar com Dimas, exatamente como um filho faria com o pai. Julga mesmo ver a criança sorrir. Ouve um trecho da conversa quando o homem abre a porta e se senta no banco traseiro com ele: calma, vamos levar-te à tua mãe, não te assustes.

A entoação cantarolada que se usa com as crianças soa canhestra nos lábios de Dimas, quase sinistra. Volta-se para ela:

— Vamos embora, de que merda estás à espera?

A mudança de tom é discrepante, até para a criança. Agora, ficou com medo. O carro desce a calle Mayor em direção a Bailén, mas há muito trânsito e não se pode ir depressa. O menino grita, pergunta onde está a mãe e descobre sem a menor dúvida que a simpatia do outro era fingida, uma armadilha para atrair a presa. O homem dá-lhe uma chapada e o choro cessa de imediato. No silêncio, só se ouve um soluço abafado. A mulher procura o rosto da criança no espelho retrovisor.

— Como te chamas?

Num trémulo fio de voz, o menino responde:

— Lucas.

Capítulo 1

O ecrã mostra um espaço quase vazio, sem alma. Apenas uma cadeira de madeira no centro da sala e um grande monitor numa tosca parede de tijolos. Não há nenhum indício do que vai acontecer, mas, pouco a pouco, mais e mais computadores serão ligados. Dentro de alguns minutos serão quase cem; os seus proprietários não se conhecem, mas irão desfrutar do mesmo espetáculo. A maioria encontra-se em Espanha, mas também em Portugal, no México, no Brasil... Muitos são homens entre os trinta e cinco e os cinquenta anos; embora haja algumas mulheres, vários reformados, até um menor... Todos pagaram os seis mil euros que lhes foram exigidos, em *bitcoins* e de forma segura, sem deixar rasto.

O monitor na parede de trás acende-se. A imagem mostra o manto verde de um campo de futebol. Os jogadores que vão disputar a partida esperam para entrar em campo, a câmara foca-os, apresentam os seus nomes. É um jogo da Liga dos Campeões, da fase de grupos, defrontam-se Real Madrid e Spartak de Moscovo.

Mas o interesse das pessoas não reside no jogo de futebol. Com essas imagens, os organizadores só querem mostrar que estão a transmitir em direto. É importante que todos saibam que o que vão ver é um espetáculo ao vivo e não apenas uma gravação, é por isso que pagam tanto.

Os jogadores entram em campo, cada um segurando a mão de um menino ou de uma menina, são fotografados, cumprimentam-se, ouvem o hino da competição, sorteiam-se os campos. O jogo começa...

A bola está em campo, mas o espetáculo ainda não começou. Os espectadores pagaram para ver como uma mulher, pouco mais do que uma menina, morre perante os seus olhos.

*

— Apanhei-o!

O grito de Mariajo rompe a tranquilidade da Brigada de Análise de Casos. Há dois meses que esperam ouvi-lo.

— Tens a certeza? — pergunta Orduño.

— Absoluta, o IP que tínhamos sob vigilância está ligado, o espetáculo, como lhe chamam, começa às nove e um quarto, ainda temos um quarto de hora. Chama o pessoal, enquanto me certifico.

A operação foi planeada há semanas, à espera de que Mariajo, a *hacker* sexagenária da BAC, desse a ordem para o seu início. Todos sabem qual será o seu papel desde esse momento: Elena Blanco e a própria Mariajo irão ao local onde está o computador em que intervieram, acompanhadas por uma equipa de ação imediata; Zárate, Chesca e Orduño aguardarão instruções no Centro de Meios Aéreos da Polícia Nacional; Buendía permanecerá de plantão nos escritórios da BAC, caso seja preciso o seu apoio nalgum lugar.

— Ligaste para o Zárate?

— Liga-lhe tu, que eu localizo a Elena. — Chesca não mudou de opinião sobre o novo companheiro da brigada. Não suporta Zárate.

Mariajo digita a toda a velocidade. Nenhum dos outros dois sabe o que está a fazer, apenas que acabou de encontrar algo e que não vai parar até descobrir quem está por trás daquilo.

— Cabrões — vitupera. — O programa de hoje é uma morte em direto.

— Podemos evitá-la?

— Vamos tentar, temos de partir para Rivas.

Apareceu uma rapariga na imagem, de pé ao lado da cadeira. Parece atordoada, embora todos saibam que não foi sedada. Ninguém quer poupar-lhe a dor, pelo contrário: quanto mais sofrer, melhor será o espetáculo. Se não sentisse dor, não valeria a pena, seria como assistir a uma operação numa sala de cirurgia. Quem

paga para ver o trabalho de um cirurgião? Gastam dinheiro para ver sofrer e morrer.

Se estão ali, se se deram ao trabalho — e correram o risco — de entrar em contacto com a Rede Púrpura, se pagaram antecipadamente e em *bitcoins* a grande quantia exigida, se esperaram a chegada da mensagem com dia, hora e forma de ligação, é porque confiam no mestre de cerimónias. Dimas. Os espectadores nunca lhe viram o rosto — cobre-o com uma máscara como as que usam os lutadores mexicanos —, mas conhecem-lhe os movimentos, assim como um fã de futebol saberia qual o jogador que tem a bola no ecrã do fundo, apenas pela forma como corre e o lugar que ocupa em campo. São fãs de Dimas como outros são fãs de Messi ou de Cristiano Ronaldo... Alguns até acreditam que, se vissem Dimas passar na rua, seriam capazes de o identificar pelo andar.

A rapariga é bonita e jovem, muito jovem — talvez seja maior de idade, mas nesse caso apenas por algumas semanas —, morena e de olhos muito grandes. Pelas suas feições, poderia ser espanhola — isso é o mais valorizado, e ainda mais se for muito chique, daquelas que sempre viveram entre sedas —, mas também marroquina. Alguém que não se ouve pelo computador deve estar a dar-lhe ordens, e ela senta-se na cadeira. Olha em volta com medo, é claro que não sabe o que vai acontecer, o que a espera. Talvez sofra tormentos que nunca imaginou que pudessem ser infligidos a um ser humano.

Capítulo 2

Dizem que Rivas-Vaciamadrid, apesar do seu desagradável nome, é uma das localidades com mais qualidade de vida da Comunidad de Madrid — a sétima mais rica de Espanha, a quarta com a menor quantidade de população em risco de pobreza: um paraíso onde não deveria haver problemas. Há áreas de apartamentos e outras de vivendas geminadas; muitos jovens com profissões liberais vivem ali com as famílias; o município está repleto de instalações para praticar desporto ou albergar atividades de lazer e cultura. A vida é agradável em Rivas, um exemplo de cidade sustentável, um lugar onde vale a pena viver e educar as crianças. Por isso, Alberto fez um esforço para comprar casa ali, embora de início lhes custasse muito pagar a hipoteca da vivenda geminada, com jardim e piscina. Felizmente, as coisas melhoraram para a família Robles. Agora estão orgulhosos da sua casa, do bairro e do *Lexus* acabado de estrear, de terem alcançado o melhor que lhes era possível, dentro do que estava ao seu alcance.

Embora termine oficialmente em menos de uma semana, ainda é verão, e fez muito calor durante o dia; por isso, é difícil tirar Sandra da piscina. Tem de ameaçá-la com castigos ou zangar-se com ela.

— Ou sais já ou esvazio a piscina e acabaram-se os banhos — grita-lhe o pai.

— É proibido esvaziar a piscina, não se pode desperdiçar água — troça Sandra, armada em esperta.

— Então bebo-a e já não se desperdiça.

Sandra ri-se, talvez a única maneira de a levar a obedecer. Alberto recebe-a com uma toalha e leva-a para casa nos braços, enrolada. Ambos se riem da imagem do pai a beber a água toda da piscina. Lá dentro Soledad acaba de preparar o jantar.

— De que é que se estão a rir?

— Dos disparates do pai. O que é o jantar, mãe?

— Sopa de tomate e croquetes.

Alberto não sabe para que é a pergunta, jantam sempre o mesmo pelo menos duas ou três vezes por semana: sopa de tomate enlatada e croquetes congelados. Nem ele nem a mulher gostam de cozinhar, e Sandra come sem as birras que faz das poucas vezes que ela se lembra de pôr comida saudável na mesa — ainda se lembra da noite dos brócolos. A mãe nunca lhe teria dado croquetes congelados quando era pequeno, fá-los-ia com duas colheres, um a um.

— O Daniel vai descer para jantar connosco?

— Diz que está a estudar.

— A estudar? Aposto o que quiseres que, se eu subir, o vou encontrar a fazer parvoíces no computador. Com um daqueles jogos de matar pessoas.

— Não digas essas coisas à frente da miúda. E senta-te, que a sopa arrefece.

Alberto senta-se diante da televisão, que está em silêncio: o Real continua empatado a zero com o Spartak. A primeira coisa que vê é uma oportunidade de golo para os russos, que atiram para fora por milagre.

— Vais-te pôr a ver futebol?

— Está sem som, deixa lá — desculpa-se.

Hoje, Sandra deve estar com fome, a piscina abre-lhe sempre o apetite. Jantarão em paz e Alberto poderá dar uma olhadela no jogo.

— Lembra-te de que, no domingo, comemos na minha mãe.

— Acho que vai ser o último dia de piscina para a Sandra — defende-se. — Podemos mudar para a semana seguinte, para a menina aproveitar.

— Sim, mamã — suplica a filha. — Não podemos perder o último dia de piscina.

Não há tempo para Soledad responder; antes de o fazer, ouve-se um som seco e forte. A porta da rua abriu-se, rebentada com um

ariete. Começam a entrar polícias, não sabem se são do Grupo de Operações Especiais, que Soledad e Alberto só viram na televisão. Atrás vem uma mulher com cerca de quarenta e cinco ou cinquenta anos, sem uniforme nem arma à vista.

— Não se mexam! Onde está o computador?

— Qual deles? — responde Soledad assustada. — Há vários.

— O Daniel está no quarto. — Embora Sandra tenha apenas nove anos, é a única que percebe de quem estão à procura.

Ao ouvir o barulho no piso de baixo, Daniel pressente que vieram por sua causa. Sabe que tem de desligar o computador, mas algo o detém: está hipnotizado pelo espetáculo. Em apenas dez minutos, Dimas já mostrou ser alguém especial, um artista. A primeira coisa que fez ao entrar, quando a rapariga começou a gritar, implorando por misericórdia, foi dar-lhe um murro na barriga, que a deixou dobrada e sem ar. Depois, começou a arrancar-lhe as roupas. A rapariga chorava sem entender nada, mas nessa altura decerto já percebera que a noite ia ser muito difícil.

Daniel ouve as botas de vários homens na escada e não sabe se há de ir ao seu encontro, saltar pela janela ou deitar-se na cama com um livro, como se nada se tivesse passado. Não chega a fazer nenhuma das três coisas. Apaga o monitor um mero segundo antes de dois homens em uniforme de combate entrarem e o empurrarem, fazendo-o cair sobre a cama. Atrás deles vêm duas mulheres. A mais velha senta-se ao computador e manipula-o com gestos precisos. Daniel vê-a ligar um dispositivo numa das portas e, de imediato, o ecrã ilumina-se.

Apesar do medo que sente, tenta olhar por cima do ombro da mulher, para ver o que está a acontecer.

As imagens continuam a ser exibidas no ecrã inteiro. Dimas e a rapariga já não estão sozinhos; entrou outro homem, encapuzado, com uma prótese de metal que lhe substituiu parte da mão. Não se vê bem o rosto da rapariga, cheio de sangue.

— Como és capaz de ver uma coisa destas? — pergunta a mais nova. No seu tom, Daniel percebe mais incompreensão do que reprovação.

— Eh! O que é isto? — tenta defender-se Daniel. — Eu não pus isso aí!

— Leva-o daqui para fora.

Um dos dois polícias que entraram primeiro leva-o até à porta com um único empurrão. Ali, dá de caras com o pai.

— Espero que seja um erro, que seja tudo um erro — diz-lhe, com o rosto alterado.

Daniel teria preferido que o houvesse abraçado; sente-se como um miúdo pequeno que fez uma travessura, mas sabe que aquilo é pior, muito pior. Que, desta vez, fez porcaria da grossa.

Capítulo 3

Chesca, Orduño e Zárate estão à espera num hangar do Centro de Meios Aéreos da Polícia Nacional, em Cuatro Vientos. Quatro helicópteros estão prontos para partir imediatamente, assim que receberem ordens. Têm prioridade absoluta, e a torre de controlo dará autorização para descolar no preciso momento em que isso seja solicitado. São helicópteros *EC-135*, preparados para voo noturno, com capacidade para sete pessoas cada e uma velocidade de cruzeiro de duzentos e cinquenta quilómetros por hora. Os aparelhos possuem a sua própria equipa de agentes, armados e prontos para agir.

Os oficiais da BAC envergam uniformes azuis, quase militares. Percebe-se de onde vem cada um deles. Orduño, que esteve no GOE antes de Elena o cooptar, não se diferencia dos agentes de operações especiais. Também Chesca passa tempo suficiente no ginásio para se confundir com aqueles. Zárate é um homem musculoso, alto e forte, mas algo na maneira como usa o uniforme entre os outros faz lembrar um funcionário de escritório que se enganou na colocação.

— Olha para ele, parece que acabou de sair de um filme de fuzileiros — diz Chesca. — Parece o recruta expulso no princípio, aquele que queria ser fuzileiro por causa do irmão mais velho, que morreu no Golfo.

— Não digas disparates. Assim que nos chamarem, vais com ele no helicóptero. Mais vale ele saber o que nos espera.

— Vê lá se arranjas uma namorada. Andas muito irritadiço, Orduño.

Afastado deles, Zárate não pára de olhar para o telemóvel. Está ansioso por entrar em ação.

Quando regressarem aos escritórios da BAC, poderão examinar a gravação e procurar uma maneira de identificar a vítima e os seus dois carrascos. Agora, só querem salvar a vida da pobre rapariga.

Chegaram a tempo de ver o homem com a prótese na mão apoiar o escopro num dos olhos dela. Devem-lhe ter cortado a pálpebra para que não consiga fechá-lo e parece estranho, como o olho de uma boneca antiga. O homem segura agora um martelo. Dá a sensação de que vai desferir um golpe contra o escopro para furar o olho, ou para o arrancar pela raiz, mas de repente volta-se ligeiramente para o lado e baixa a ferramenta. O outro homem, o que enverga a máscara de lutador mexicano, regressa. Elena não consegue continuar a ver enquanto o homem pega no escopro, o mete na boca da jovem e, com um golpe firme do martelo, lhe perfura a bochecha...

Será o seu filho Lucas um desses homens? Será o da máscara mexicana? Os gritos da rapariga cravam-se-lhe no cérebro. Embora tente fugir dessa ideia, sente-se de alguma forma responsável pela tortura.

Está tão concentrada na sua dor que se assusta ao ouvir a voz de Mariajo.

— Localizei a fonte. Acho que sei de onde estão a emitir.

Todos saltam como uma mola quando o telemóvel de Zárate toca.

— Sim, vamos — diz para o dispositivo. — Navacerrada — anuncia de imediato aos presentes.

Não precisa de acrescentar mais nada, todos estudaram cada um dos passos que têm de dar naquela noite. Por enquanto, tudo corre como previsto.

Orduño acompanha-os a pé até ao helicóptero para lhes desejar boa sorte. Fica a aguardar, caso haja um segundo local aonde ocorrer, ou para sair dentro de alguns minutos para apoiar os colegas. Buendía também recebeu a notícia nos escritórios da brigada e deve

estar agora a comunicar para saírem por terra operacionais em direção ao alvo.

— Boa sorte, camaradas. Tenham cuidado — despede-se Orduño.

Está tudo pronto, os homens nos seus postos, os helicópteros prestes a partir.

— Estão a tentar localizar a morada exata. Quanto tempo demoramos até Navacerrada? — pergunta Zárate a um dos dois pilotos.

— São cerca de sessenta quilómetros e temos de alcançar velocidade de cruzeiro. Calculo dezoito ou vinte minutos. Talvez um pouco menos.

No helicóptero vão Chesca e Zárate, dois pilotos e três agentes do GOE. Atrás deles segue outro helicóptero com mais homens. Quando chegarem, terão de decidir se entram pela casa dentro ou se esperam por reforços. Tudo dependerá daquilo que a inspetora Blanco lhes for dizendo. Basicamente, se a rapariga que estão a torturar ainda estiver viva e se puderem fazer alguma coisa por ela. Só correrão riscos se tiverem alguma hipótese de a salvar.

Elena continua a evitar olhar para o ecrã. O som é suficiente para imaginar o martírio daquela pobre menina às mãos dos dois homens, o da máscara e o da prótese. Não quer interromper Mariajo, que não pára de trabalhar, às vezes no computador do rapaz, outras num que ela própria ligou. Sabe, mais ou menos, o que a especialista em informática do grupo está a fazer: rastreia endereços de IP e descarta outros mascarados, até chegar ao original. Finalmente, a *hacker* vira-se e sorri.

— Calle de los Arcos, em Navacerrada.

Elena consulta o mapa da cidade no telemóvel.

— É uma zona de moradias.

— Faz sentido. Ouviste os gritos daquela pobre miúda. Não poderiam fazer isso num apartamento no centro da cidade, os vizinhos ouviriam...

Elena só pode rezar para que cheguem a tempo, informar o helicóptero da morada exata e enviar reforços. Fá-lo com uma voz firme que desmente o seu pânico: o de que, ao deter aqueles dois selvagens e tirando-lhes as máscaras, um deles seja Lucas. O seu filho perdido.

Zárate continua a transmitir aos pilotos as instruções que recebe.

— Calle de los Arcos, que fica na zona noroeste da cidade, muito perto do Hotel Arcipreste de Hita.

Não sabe como hão de procurá-la, mas confia no gesto de concordância que um dos pilotos lhe esboça, espetando o polegar.

— Já te disseram se a rapariga ainda está viva? — Chesca não consegue esconder a inquietação.

— Até agora, não me disseram que está morta. Se não nos voltarem a ligar, entramos na casa assim que lá chegarmos.

Não precisam de ordem judicial: em caso de flagrante delito, e suspeitam de que possa estar a ser cometido um assassínio, não só têm a capacidade, mas também a obrigação de entrar para o impedir. O piloto intervém:

— Seis minutos.

Capítulo 4

A rapariga no ecrã perdeu os sentidos e isso não agrada aos torturadores. Têm de a manter totalmente consciente, para que a audiência, que pagou pelo espetáculo, possa desfrutar. Mariajo, que pouco mais pode fazer depois de ter descoberto o lugar de onde está a ser feita a transmissão, olha pela primeira vez com curiosidade.

— Mataram-na? — assusta-se.

— Acho que não, acho que estão a reanimá-la — responde Elena. Fazem-na voltar a si, injetando-lhe algo no braço.

— Pobre menina. Que fizemos nós para que isto fosse possível? Que merda.

Elena não responde, sabe que Mariajo não precisa que ela diga o que quer que seja. Também sabe que ninguém pode fugir da sua responsabilidade pelo que acontece no mundo, que o seu próprio filho poderia estar ali; a ocupar o lugar de qualquer um dos intervenientes, dos que torturam, ou também, porque não, da vítima. Ainda estará vivo?

Passaram-se oito anos desde que Lucas foi sequestrado. E apenas alguns meses desde que Elena recebeu um vídeo em que o filho aparecia, agora adolescente, dirigindo-se-lhe a pedir-lhe para que deixasse de o procurar. Não falara com ninguém sobre esse vídeo. De que adiantaria contar ao ex-marido? Não é mais compassivo ele continuar a pensar que Lucas morreu há muito tempo? Também não se atreveu a confessar aos colegas da BAC, nem mesmo a Zárate. Talvez os agentes lhe dissessem que fora uma alucinação. Que o adolescente no vídeo não era Lucas. Guardou um fotograma, uma captura de ecrã em que só aparece o filho. O resto desapareceu do telemóvel e do sistema, assim que terminou a reprodução. Mas

Elena não precisa de voltar a vê-lo para ter a certeza de que não está enganada. Ficou-lhe gravado a fogo na memória. O filho fora sequestrado por uma organização criminosa, que dava pelo nome de Rede Púrpura e que traficava na *deep web*, indetetável e sinistra, com imagens violentas. E o vídeo revelava algo ainda mais horrível: a determinado momento do seu cativo, Lucas tinha passado para as trincheiras do inimigo. Como e porquê isso acontecera escapava a Elena, mas essas imagens já fazem parte dos seus pesadelos. Lucas a sorrir, com uma faca na mão, prestes a torturar uma jovem amarrada a uma cadeira. Uma menina com olhos cor de mel, cheios de medo. Irá torturá-la, ou matá-la? Nos seus pesadelos, ocorrem ambos os desfechos, e é sempre Lucas o executor, com o seu sorriso sádico e olhos de louco. Desde então, Elena Blanco só vive para desmontar a Rede Púrpura e encontrar o filho.

A área em que a vivenda se encontra localizada é muito arborizada e o helicóptero tem de encontrar uma clareira para pousar. Descobre-a a cerca de duzentos metros da casa que têm como alvo. Enquanto correm na direção dela, os polícias veem alguns vizinhos que, alertados pelo barulho, assomam às janelas. O GOE pára atrás da cerca. Zárate liga a Elena.

— Estamos à porta, não há atividade a assinalar dentro de casa. A rapariga ainda está viva?

Elena ergue o olhar para o monitor, a rapariga continua viva, embora decerto preferisse estar morta. O homem da máscara mexicana tem um pássaro nas mãos. Mariajo olha, aterrada.

— Vão meter-lho ali? Que animais sem escrúpulos.

Disso não havia dúvida alguma, mesmo antes de começarem a ver aquilo. Elena sabe que a ordem que vai dar porá em perigo a vida dos seus, mas não tem escolha.

— Sim, Zárate, está viva. Têm de entrar na casa. Já!

*

Não há qualquer reação quando Chesca, Zárate e os membros do GOE que os acompanham entram no pátio. Procuram sinais da existência de algum sistema de segurança, mas não os encontram. O GOE conhece perfeitamente o seu trabalho e, em menos de um minuto, os homens estudam as entradas e saídas — uma na frente, que dá para o salão principal, e outra, nas traseiras, que conduz à cozinha — para se organizar e minimizar o risco de sofrerem baixas.

O inspetor que comanda a operação prepara os pormenores finais. Zárate e cinco homens entrarão pela porta da frente, Chesca e os outros cobrirão a das traseiras e, se ninguém tentar fugir por ali, entram para se juntar aos colegas.

— Está a carregar a pistola — estranha a velha *hacker*, olhando para o monitor.

Vão matá-la com um tiro? Nem Mariajo nem Elena esperavam aquilo, até parece uma morte doce em comparação com o que lhe fizeram até agora.

São momentos de incerteza para Elena. Pergunta a si mesma se os seus homens estarão seguros, se chegarão a tempo de resgatar a rapariga, se vão descobrir que, por trás da máscara mexicana, se encontra o seu filho Lucas, embora não se surpreendesse que aquela cobrisse o rosto marcado pela varíola que procura há tantos anos.

O homem que carregou a arma — o da mão protésica — aponta para a cabeça da rapariga. Mariajo e Elena sustentam a respiração, mas o torturador baixa a arma e sai do plano.

— Vês como muitas vezes parece que estão para fazer uma coisa, como no caso do escopro e agora, e param no último minuto? — observa Elena.

— Porque será? — pergunta Mariajo.

— Certamente não é por remorsos.

*

Na vivenda de Guadarrama todos estão a postos. O inspetor dá a ordem e arrombam a porta. Entram na casa. Ninguém reage lá dentro, apenas encontram uma senhora idosa, que os olha aterrorizada.

— Não se mexa, ponha as mãos na cabeça — grita-lhe Zárate.
— Quem mais está em casa?

— O meu marido, mas foi dormir há bocado — responde ela, assustada. — Toma comprimidos e não acorda com o barulho.

Os homens do GOE entraram com as armas apontadas, prontos para disparar. Ouve-se Chesca a cruzar a entrada da cozinha. O inspetor do GOE baixa a pistola.

— Não há aqui ninguém.

Zárate não está satisfeito.

— Há um sótão?

— Não, só este piso e o de cima. — A senhora, nervosa, senta-se numa poltrona sem perder de vista os agentes que lhe invadiram a casa.

— E o computador?

— Está estragado, estava a ver o episódio de hoje de *Puente Viejo* no *tablet*...

Elena olha apavorada para o ecrã e afasta o telefone do ouvido.

— Nada, Mariajo. Falhámos.

A *hacker* não entende. A expressão transfigura-se-lhe, agora não há esperança, só angústia pelo que vai sofrer aquela pobre menina, por não ter conseguido evitá-lo.

— Mas era ali.

Não diz mais nada. Nesse momento, no ecrã, o homem da máscara mexicana reapareceu. Agora é ele quem empunha a pistola. Resolutamente, aproxima-se da rapariga e apoia-lhe o cano da arma no peito, no coração. E dispara. O impacto é tão forte que a jovem, já sem vida, cai de costas no chão. Mariajo fica a olhar para o ecrã e leva alguns segundos a sair do mutismo.

— Não sei como conseguiram enganar-me. Vamos apanhá-los, seja como for — jura a si mesma.

— Vou falar com os pais do miúdo.

Elena levanta-se e, quase sem forças, sai da sala. Até àquele momento, não se apercebeu de que, na parede, pende um cartaz como o afixado por Abel, o seu ex-marido, no quarto de Lucas, quando ele tinha apenas cinco anos. É um jogador de basquete, branco e louro, de equipamento verde, com o número 33. Chama-se Bird, pássaro. Lembra-se do pássaro com o qual torturaram a rapariga, era estranho, azul. Mandou levar o miúdo para as instalações da BAC. Agora, não tem forças para falar com ele, seria como falar com o próprio filho.

Capítulo 5

Ninguém conseguiu dormir bem nessa noite. Elena e Mariajo por causa do terror que testemunharam e pelo fracasso; Chesca, Orduño e Zárate pela frustração de não terem podido intervir; Buendía por ter ficado à espera, sem oportunidade de ajudar os colegas. Também não foi uma noite tranquila para Daniel, Sandra, Soledad e Alberto, uma família destrocada.

Juanito, o empregado romeno, serviu a Elena a sua torrada com tomate logo pela manhã e adivinhou-lhe nos gestos cansados o vestígio de uma noite em branco.

— Um todo-o-terreno no estacionamento, inspetora?

— Bem gostaria, Juanito. Ontem à noite, tive trabalho. Um trabalho muito desagradável. Teria preferido ir ao estacionamento do Didí, não duvides.

— Se uma noite me ligar, sou capaz de alugar o maior *Land Rover* que tiverem e já vai descontráda para casa.

— É muito gentil da tua parte — ri-se a inspetora.

— Faça-o por si, não por mim — responde maliciosamente. — Estou a meter no mealheiro metade das minhas gorjetas todos os dias, para não estar falido quando a senhora se decidir.

— De acordo, um dia ligo-te. Claro que tens de esperar com calma, acho que não será neste ano, nem no próximo. Ontem, jogou o Madrid, não foi?

— Não vale a pena aborrecer-se, inspetora. Jogam mal, como sempre, mas ganham. Acho que vou emigrar para deixar de os ver.

— Não vás, não consigo viver sem ti. Aliás, irias continuar a vê-los, estão em todo o lado, até dentro da sopa. Anda, serve-me uma grapa.

— Para matar o bicho, como dizem os operários. Não deixe a minha oferta cair em saco roto, inspetora.

— Cair em saco roto, matar o bicho? — Elena sorri. — Quem te anda a ensinar isso? O Paco Martínez Soria?

Há dias em que Elena Blanco sabe, desde manhã, que o único momento que valerá a pena é aquele que passa com Juanito. Ele mais do que merece a gorjeta.

Ao chegar aos escritórios da BAC, em Barquillo, dizem-lhe que tem à espera os pais de Daniel, o adolescente de Rivas.

— E o rapaz?

— Tivemos de o transferir para um centro de menores para passar a noite, mas está a caminho.

Pelo vidro, Elena detém-se, a olhar os pais.

Parecem atordoados e esmagados, como é lógico, mas há algo que os diferencia: no semblante de Soledad, domina a tristeza; no de Alberto, o que se vê é raiva. Parecem pessoas normais — na verdade, são — e não pais de um monstro. Como ela bem sabe.

— Sou Elena Blanco, inspetora e responsável da BAC. Bom dia.

— Onde está o meu filho? — Soledad levanta-se logo. Uma mãe defende sempre o filho, independentemente da acusação que lhe façam.

— Já vão trazê-lo. Pelo que sei, está bem — tenta ela consolá-los; no fundo, sente pena deles.

— Como pode estar bem, se passou a noite sabe Deus onde? — empertiga-se a mãe.

— Pelo menos, está melhor do que a vítima do espetáculo a que estava a assistir. Aquela rapariga passou por um inferno até morrer — responde cruelmente a inspetora. — O que o seu filho fez é muito grave.

— Acha que nós não sabemos? Estou envergonhado, não preguei olho toda a noite — diz Alberto e, por um segundo, parece que o mais imperdoável de tudo é ter visto o seu sono perturbado.

— O meu filho não tem nada que ver com essas coisas, inspetora — insiste Soledad. — Foi por acaso que acedeu àquela página. É uma vergonha o que está na Internet ao alcance de qualquer pessoa.

— Para aceder a essas páginas é preciso pagar uma boa quantia de dinheiro. Não acontece por acaso.

— O meu filho pagou? — A mulher mostra-se surpreendida.

— Tomamos isso como garantido. É a única maneira de entrar no esquema.

— Ele tem dezasseis anos, não tem dinheiro. Decerto é um erro. — A mãe apega-se a essa falsa esperança.

— Não, não é um engano. — Alberto baixa a cabeça. — Há semanas que me tenho deparado com levantamentos com um cartão da conta.

Soledad volta-se para ele atordoada, atónita.

— E porque não me disseste?

— Os levantamentos foram feitos com o teu cartão. Pensei que estavas a preparar uma viagem para o nosso aniversário de casamento... Não queria estragar-te a surpresa.

Elena contempla aqueles pais. A sua vida tranquila foi pelos ares na noite passada. Vão querer perdoar-se um ao outro, não se culpar, mas o mais provável é não conseguirem. Um dos dois tentará ficar do lado do filho, contra ventos e marés, e o outro só verá um monstro que ele mesmo criou. Elena e o marido separaram-se dois anos após o desaparecimento de Lucas. Abel queria reconstruir a vida e não suportava a obsessão dela. Deixou o emprego de jornalista e mudou-se para Uruëña, uma localidade de Valladolid. Vive com uma brasileira muito jovem, dedica-se à produção de vinho e parece um homem feliz.

É precisamente disso que Elena o acusa: de ser feliz apesar da sua desgraça, de lançar a toalha ao chão antes do tempo, de aceitar a morte do filho, apesar de nunca ter havido nenhuma prova, além das fornecidas pelas estatísticas, que dizem que, nos raptos de crianças, passado um mês, se perde toda a esperança. Não lhe contou que

Lucas está vivo. Não lhe esfregou na cara que tinha razão. Talvez queira proteger Abel da horrível verdade, da verdade que evita pôr-lhe à frente, mas que se lhe apresenta todas as noites com matizes de partir o coração e com vozes que lhe martelam o cérebro. Vozes que lhe dizem que o filho é um psicopata. Ou talvez se cale por querer continuar sozinha com a sua dor, como sempre esteve. Sabe que deveria contar-lhe, pois Abel é o pai. E também sabe que não lhe vai contar.

Olha silenciosamente aqueles dois pais desolados e vê-se a si com Abel, tentando respirar o mesmo ar e gerir o infortúnio como uma boa equipa. Não foram capazes. Nem Alberto e Soledad conseguirão fazê-lo.

Mas Elena não é conselheira matrimonial, é inspetora de Polícia. O seu trabalho é evitar que outra rapariga passe pelo que ontem à noite passou a rapariga morena. O que quer que aconteça àqueles dois e o que a vida lhes reserva não é da sua conta.

— Agora vão trazer o Daniel para esta sala. Podem ouvir o depoimento dele num monitor que está noutra sala das nossas instalações, se quiserem.

— Não podemos falar com ele primeiro? — implora a mãe.

— No fim. Quando acabar, vou deixá-los entrar para falarem com ele. O vosso filho é menor, não precisam de ter medo.

— O meu filho é um monstro — murmura Alberto, para surpresa de todos.

CARMEN MOLA

A REDE PÚRPURA







Num dia quente de verão, a inspetora Elena Blanco, chefe da BAC, irrompe na casa de uma família de classe média e dirige-se ao quarto do filho adolescente. No ecrã do computador, confirmam aquilo que temiam: o rapaz está a assistir a uma sessão *snuff* ao vivo, na qual dois homens encapuzados torturam uma rapariga. Incapazes de ajudar, observam como o sádico espetáculo continua até à morte da vítima, cujo nome ainda não conhecem. Quantas antes dela caíram nas mãos da Rede Púrpura?

A Brigada de Análise de Casos investiga esta organização sinistra desde que veio a lume no caso «Noiva Cigana». Há meses que se recolhe informação sobre este grupo que trafica, em vídeos de violência extrema, na *dark web*, o lado negro da Rede. Durante todo este tempo, Elena Blanco manteve em segredo, mesmo do seu parceiro, o sub-inspector Zárate, a sua mais importante descoberta e o seu maior medo: que o desaparecimento do filho, Lucas, quando era apenas uma criança, possa estar relacionado com esta macabra conspiração.

Onde está ele? Quem é, realmente, agora? E quais os limites que ela está disposta a transgredir para chegar à verdade?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 sumadeletrasportugal

ISBN 9789897845987



9 789897 845987 >